

## A REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA NA OBRA *SANGUE NEGRO*, DE NOÉMIA DE SOUZA

Maria Carolina Souza da Silva (UEA)<sup>1</sup>

Dra. Renata Beatriz B. Rolon (UEA)<sup>2</sup>

**RESUMO:** A representação da condição feminina na obra *Sangue Negro*, de Noémia de Souza, durante o período da dominação portuguesa que escravizou milhares de africanos, fez da mulher um ser que sofreu não só com a discriminação racial, mas também com a desvalorização devido a uma imagem criada. Mas, mesmo diante de uma imagem estereotipada, a mulher moçambicana resistiu e lutou contra a imposição. Diante disso, este trabalho destina-se a analisar três poemas de Noémia de Souza: “Poema”, “Moças das docas” e “Mulher que ria à Vida e à Morte”, para apresentar a condição feminina representada na poética da escritora. Como reforço, abordamos o contexto em que se formou a literatura em Moçambique. Mostramos a importância da imprensa para a propagação dessa literatura. Ao fim, enfocamos na análise dos poemas citados partindo do entendimento de que as lutas de libertação no continente africano influenciaram o posicionamento dos escritores moçambicanos e em especial o de Noémia de Souza.

Palavras-chave: resistência; condição feminina; Noémia de Souza.

### Considerações iniciais

O colonialismo português implementou uma dominação baseada tanto na violência física quanto na opressão ideológica que inferiorizou o povo moçambicano, partindo de pressupostos patriarcais, etnocêntricos e raciais. Os países que passaram pelo processo de colonização, como Moçambique, vivenciaram a violência e conflitos civis. As antigas colônias tornaram-se espaços de exclusão de grupos e segmentos sociais, aos quais foram negados direitos. As guerras de libertação nacional desencadeadas em Moçambique, assim como em outras colônias, marcaram o momento em que as futuras nações clamam pela sua independência.

Nesse contexto de oposição ao regime colonial, a escritora moçambicana Noémia de Sousa é inserida como uma mulher militante que lutou pela nação africana, pela dignificação das mulheres e pela busca de direitos, não só fazendo contestação ao colonialismo português,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

<sup>2</sup> Dra. em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), Professora do Programa de Letras e Artes - PPGLA/UEA.

mas também conclamando e cooperando com uma geração de intelectuais, políticos e artistas em torno do ideal de liberdade. Assim, por meio da poesia, deixou registrada a sua impressão sobre aquele momento histórico.

Os conflitos originados na colonização que negou valores e direitos a população através da aculturação e escravidão, deixaram marcas nos corpos femininos e em suas almas. A resistência da mulher moçambicana diante desses conflitos vem através da escrita literária feminina, que Noémia apresenta como forma de resistir contra a opressão lutando pela conscientização de seus valores dentro de sua própria cultura e sociedade, sempre almejando a independência.

Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar a condição da mulher moçambicana na obra *Sangue Negro*<sup>3</sup> (2016) de Noémia de Sousa. A voz dessa poeta representa uma voz coletiva feminina, que reverbera por liberdade. Na poesia de Noémia, estão representadas, em letra, as mazelas e opressão do colonizador, em especial sobre a mulher que fora usurpada e silenciada pela subalternização que a colonização portuguesa fez acontecer em Moçambique. Portanto, é proposta uma leitura que identifique a condição da mulher moçambicana, que está presente na obra aqui estudada.

O trabalho foi dividido em quatro seções. A primeira, apresentando a formação da literatura em Moçambique que floresceu através da língua portuguesa e do processo de assimilação, o que oportunizou ao moçambicano o conhecimento da cultura metropolitana. Em seguida, como forma de solidificação do início dessa literatura, será discutida a função da imprensa na produção literária moçambicana.

Na terceira seção, Noémia de Souza e a obra “*Sangue Negro*” (2016), são apresentadas para conhecimento e discussão sobre a poesia engajada de uma mulher que escreveu versos numa linguagem combatente, uma mulher que pertenceu a grupos, como a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) para luta de libertação. Por fim, serão analisados os poemas “Poema” (p.122), “Moças das docas (pp. 79-82) e “Mulher que ria à Vida e à Morte” (p. 138), com o intuito de apresentar a condição feminina que Noémia de Souza aborda nos seus escritos e a representação positiva da mulher metaforizada como a Mãe África.

---

<sup>3</sup> Em 2001 o livro *Sangue Negro* é publicado pela primeira vez pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO). Dez anos mais tarde, uma nova edição do livro foi publicada pela editora moçambicana Marimbeque. Em 2016, a Editora Kapulana publica a primeira edição brasileira de *Sangue Negro*, utilizada aqui para análise.

## **1. Formação da literatura em Moçambique**

A literatura sendo uma arte feita pelo homem reflete as manifestações e identidades culturais de um povo. A língua, como instrumento de comunicação, carrega consigo essas representações culturais tornando-se a ferramenta pela qual essa arte pode ser criada e transmitida. No caso da literatura realizada em Moçambique há uma dificuldade em se falar de manifestações e identidades culturais sem falar do colonialismo português.

No século XV, o rei de Portugal propõe uma expedição chefiada por Vasco da Gama para descobrir rotas marítimas para a comercialização das especiarias vindas do oriente. Em 1415, os portugueses cruzam o Estreito de Gibraltar, conquistam a cidade de Ceuta, em Marrocos, e tornam-se os primeiros europeus a estabelecerem contato com o continente africano (SEPÚLVEDA & SALGADO, 2006). Com isso, até o final do século XV europeus penetram-se em países, como Angola, Congo e demais do extremo sul africano até a costa oriental, adentrando em Moçambique em 1498. No ano de 1505 eles criam a fortaleza em Sofala, e mais tarde em 1507 na ilha de Moçambique, com o intuito de torná-la base para apoio dos navios que ali trafegavam com as especiarias asiáticas.

Com a entrada dos portugueses em Moçambique, comerciantes e missionários foram inserindo-se no país para apoiar conquistas militares criadas no interior dominando assim o comércio para o reino. Essa primeira penetração mercantil é designada como a fase do ouro e dá início a fase do marfim e a fase dos escravos, pois com a grande busca de ouro em Moçambique mais os portugueses iam fixavam-se nessa região e tomando domínio, sempre em busca de novas formas de comercialização. Essa busca maçante por mercadorias, não só dos portugueses, mas também de indivíduos de outros países, gerou nos anos de 1884 e 1885 uma conferência em Berlim que oficializou o neocolonialismo para a exploração econômica das colônias africanas pelos países europeus. E nessa corrida por terras africanas, através dessa conferência, destinam a Portugal a posse do território moçambicano, originando um choque entre a cultura europeia com a cultura africana.

No entanto, essa posse de terras não ocorreu de maneira fácil. Os nativos durante anos entraram em conflito com os portugueses na tentativa de não perderem as terras. Mas, mesmo diante desse conflito os portugueses ocupam definitivamente Moçambique anos mais tarde. Essa ocupação coincidiu com o regime salazarista em Portugal que objetivou inserir um nacionalismo português em suas colônias. Em 1926, dá-se início o regime ditatorial liderado por Antônio de Oliveira Salazar em Portugal e como forma de nacionalismo a seu país, sanciona a assimilação em Moçambique e outras colônias:

Segundo a lei da assimilação, o africano, a fim de ser oficialmente reconhecido como civilizado tinha que submeter-se a um processo de europeização. Para se tornar assimilado, o indígena via-se obrigado a abandonar os usos e costumes tradicionais, adotar a religião cristã, falar e ser alfabetizado em português e portar-se sob as normas do sistema econômico imposto pelos colonizadores. (SEPÚLVEDA & SALGADO, 2006, p.12).

A partir dessa lei, os portugueses incumbidos com uma cultura europeia tentam transferi-la para os moçambicanos, que aos poucos se submetem a essa aculturação. Assim, o grau de civilização dos moçambicanos era identificado de acordo com a aquisição da cultura lusa, como a língua portuguesa, o cristianismo e demais práticas civilizatórias. Diante dessa colonização, o impacto colonial gerou uma grande expansão da língua europeia, ocasionando a população africana a orientação de uma educação nessa língua, originando assim, uma literatura com base na língua do colonizador. Chabal (2006) apresenta:

Pelo facto de as culturas africanas serem orais, o desenvolvimento da literatura africana só pôde ganhar forma através do uso da língua colonial europeia. Em resumo, as literaturas “nacionais” africanas desenvolveram-se numa língua estrangeira com poucas raízes culturais africanas e dentro do contexto de países “artificiais” – ou seja estados-nação que foram colônias – e nos quais o estabelecimento do estado precedeu a construção da ação. (p.16).

A língua portuguesa sendo então a forma modeladora em Moçambique evidencia que a cultura desenvolvida ali gira em torno dos parâmetros dessa língua imposta que se torna parte da cultura moçambicana forçadamente. Para Chabal (2006, p.18) “Ainda que toda a língua normalmente derive de uma dada cultura, o uso de uma língua europeia por um povo, cuja cultura tenha outras raízes, não é modelado pelos parâmetros culturais da língua original”. Assim, emerge uma escrita e fala portuguesa que se refletem na literatura ali criada.

O encontro de culturas é evidente nessa relação de encontros que diminui a língua africana, e a presença dessa nova língua marca, definitivamente, a imposição do colonizador que, possuindo domínio, lança mão de um processo de aculturação aos moçambicanos. Os poucos escritores africanos antes da colonização e o não reconhecimento da tradição de uma cultura oral de transmissão de histórias de geração em geração, são fatores importantes para a não resistência das línguas africanas diante da língua do colonizador. Dessa forma, por conta do processo de colonização que incluía a lei da assimilação, a cultura metropolitana teve domínio em Moçambique e os futuros escritores escreveriam sob uma ótica mais aprofundada na cultura de Portugal do que na africana. O que de fato aconteceu, mas para uma perspectiva que levou a literatura moçambicana a um nível alto e fez nascerem escritores engajados com a situação do seu povo.

O processo de assimilação oportunizou ao colonizado o conhecimento da cultura da

metrópole. O colonizador, incoerente, “deu um impulso à conscientização social, cultural e política de muitos dos súditos negros e mestiços do regime colonial” (SEPÚLVEDA & SALGADO, 2006, p. 12). Possibilitou aos africanos conhecer outra vertente da história de sua terra, de Portugal e literaturas do mundo. O resultado foi a criação de uma literatura que tivesse relevância para sua terra e impacto para o mundo. Essa possibilidade dada aos Moçambicanos foi de extrema importância para a criação da literatura que florescia em Moçambique. Assim, aos poucos, surgiram militantes que lutavam contra o colonialismo através de seus escritos.

Diante disso, cumpre dizer que a criação da Casa dos Estudantes do Império (CEI) em Lisboa, em 1943, com delegações em Coimbra e Porto, transformou-se em um espaço com uma dinâmica aglutinadora de solidariedades individuais, grupais e intelectuais. Os jovens habitantes da Casa, em seu cotidiano, vivenciam um lugar de representações de luta e resistência. A criação da Casa objetivava ser uma forma de contribuição do nacionalismo português aos estudantes das colônias. No entanto, estudantes assimilados de origem africana que a frequentavam enriqueceram-se de uma consciência crítica sobre o sistema colonial, pois passaram a conhecer os elementos comuns dominadores de cada colônia portuguesa, como, Angola, Guiné-Bissau, Cabo-verde e outras.

A CEI foi um lugar de luta e resistência que originou grandes publicações literárias, produções essas que contribuíram para a identidade cultural e política das futuras nações africanas. Nomes como Noémia de Souza, Agostinho Neto e Amílcar Cabral, tiveram publicações em revistas originadas na Casa e representam papel fundamental para alavancar consciência política e cultural de seu povo. Assim, aos poucos os africanos colonizados ganham chance de subverter o que lhes foi imposto, utilizando a literatura para tal fim, escrevendo de uma forma dual, africana e metropolitana, e tentando mergulhar de volta as suas raízes africanas. Segundo Chabal (2006):

O processo necessário de auto-transformação que muitos dos intelectuais africanos sofreram com a rejeição da assimilação (nos seus muitos aspectos) levou-os a regressar às suas raízes africanas. Mas fizeram-no sem desperdiçar o considerável conhecimento que tinham da literatura metropolitana e universal. É com efeito a sua viagem através da cultura metropolitana que lhes dá acesso à literatura universal. E também é este conhecimento que lhes permitiu criar uma literatura africana escrita que tem seu lugar no mundo. (p. 21).

Os escritores que estudaram em universidades metropolitanas, ganhando esse acesso pela assimilação, dominavam mais que a língua portuguesa, dominavam a cultura. E essa influência vai além da cultura de Portugal. É o conhecimento da cultura universal que emerge

na literatura africana, através da consciência social e política. O conhecimento da literatura do opressor não prejudicou o escritor africano, foi uma forma de inspiração para realizar o estabelecimento da sua própria literatura.

A assimilação, que deu contraditoriamente um impulso ao conhecimento do moçambicano, faz parte da primeira das quatro fases apontadas por Chabal (2006), a respeito do processo de evolução da literatura moçambicana. A segunda fase ocorre pelo processo de resistência dos colonizados, que lutavam em favor da independência do seu país e também na tentativa de resgatar a cultura africana, e não deixar ser levado o pouco do que ainda existia de identidade e costumes moçambicanos. Noémia encaixa-se nessa fase. Sua produção aborda a resistência, a luta do ser africano, além das raízes culturais que formam as sociedades do continente.

A terceira fase ocorre após a independência, lugar em que o escritor africano tentava impor a sua literatura e mostrar que de tudo um pouco ele poderia escrever. Esse momento se dá pela busca de afirmação da sua escrita. Já a quarta e última fase é o período em que o escritor consagra a sua escrita e mostra suas posições políticas, ideológicas e culturais diante do mundo. Agora as preocupações dos escritores moçambicanos equivalem a mesma preocupação de escritores de todo o mundo, mostrando assim a evolução da literatura africana até a sua consolidação.

## **2. A função da imprensa**

Ao longo da história, a imprensa tem demonstrado um papel fundador da escrita organizada, em torno de crônicas jornalísticas, com parentesco com a literatura. (MACEDO & MAQUÊA, 2007). Para falar do percurso da literatura moçambicana é necessário mencionar a imprensa, pois uma das formas de resistência foi através de crônicas que entrelaçam-se perfeitamente com a crônica literária produzida pelos escritores comprometidos em expor com sentimento anticolonial, reivindicações sobre a colonização moçambicana, pensamentos, valores sociais e culturais. Carregado de um caráter contestatório, essa ferramenta pode ser considerada como um impulso dado aos escritores da época, para mostrarem suas opiniões e posições diante de colonialismo português. Assim, gerou-se um amplo círculo de leitores e escritores engajados em nome do seu país, com uma atuação política e estética, empenhando-se em uma nação melhor e na construção de uma identidade literária própria.

Acerca da história da imprensa em Moçambique é importante mencionar que a publicação do Boletim Oficial, em 1854, marca o início da imprensa na antiga colônia portuguesa. Mais a frente, em 1869, é criado o periódico *O progresso*, dando início também

a ideias de contestação de uma elite moçambicana. A relação entre jornalismo e literatura encontra-se efetivamente nos jornais periódicos.

*O Africano* (1908) e *O Brado Africano* (1918-1974), criados pelos irmãos José e João Albasini, abrigaram no seu suplemento, “O Brado literário”, produções de diversos escritores, inclusive de Noémia de Souza. *O Brado Africano* (1918-1947) foi um dos jornais mais marcantes e decisivos na divulgação da poesia moçambicana. Sendo veículo para o surgimento das primeiras manifestações de contradição e afirmação da cultura moçambicana, abarcou as produções literárias da escritora em destaque:

Paralelamente às formas de expressão popular, a escrita foi-se desenvolvendo, igualmente inspirada na experiência diária moçambicana. É importante não olvidarmos que a crítica escrita, como por exemplo, em *O Brado Africano*, tenha sido progressivamente reprimida desde os meados da década de 30. Por esta razão, as críticas ao colonialismo, neste período, eram quase exclusivamente sob forma poética, por ser meio de comunicação mais imediato e menos dispendioso, entre o reduzido número de intelectuais nas principais cidades (HEDGES, 1999, p. 225)

*A voz de Moçambique*, criado em 1960, também deu lugar a escritores expressivos como Rui Knopfli, Rui Nogar, José Craveirinha, Fonseca Amaral entre outros. Assim, para Macedo & Maquêa (2007, p. 18) os jornais “foram o palco para o surgimento das primeiras atuações de autores africanos para expressar essas contradições e as primeiras necessidades de afirmação da cultura africana”. Dessa forma, o jornal construiu-se em espaço privilegiado de divulgação de texto e de contato entre o autor e seu público. Para as autoras, a situação colonial marca as produções iniciais de uma literatura em língua portuguesa produzida em Moçambique, nos anos de 1920 e veiculada nos jornais.

Durante os anos seguintes, os escritos continuam sendo publicados em jornais e periódicos, até que, no início dos anos de 1950, apontam Macedo & Maquêa (2007, p. 18), “assiste-se a um movimento de tentativa de criação de um espaço literário nacional próprio”. Dentre as produções que se criavam nesse período encontram-se a de João Dias, Luis Bernardo Honwana, Orlando Mendes Rui Knopfli, José Craveirinha e Noémia de Souza, que trazem consigo a moçambicanidade. Ainda segundo Macedo & Maquêa (2007, p. 18), esse momento é visto como “uma fissura que seria ao fim um terceiro espaço cultural, lugar de contestação e construção de utopias”. A necessidade de um debate engajado continua presente nas publicações posteriores, percebendo-se que ainda existia a necessidade de estabelecer uma nação como a anterior ao colonialismo.

Para o entendimento no âmbito da formação da literatura africana de língua portuguesa será tratada aqui a abordagem de Antonio Candido (2000), que propõe o conceito de sistema

literário no processo de constituição desse sistema no Brasil. Para o autor, há uma distinção entre as manifestações literárias e a literatura propriamente dita. Considera-se manifestação literária produções isoladas, que não constituem esse sistema. Para Candido (2000) a literatura é:

Considerado aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem conhecer as notas dominantes de uma fase. Estes dominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos da natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. (p. 23)

O referido crítico aponta ainda que existe um conjunto de três elementos que dão lugar a literatura. O primeiro refere-se à conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel. Nesse sentido, designados aqui o conjunto de escritores moçambicanos que, com o advento dos periódicos e da assimilação, tomaram consciência do seu papel com o seu povo, o que possibilitou o surgimento de uma literatura de combate.

O segundo elemento, apontando por Candido, diz respeito ao conjunto de receptores e nesse caso refere-se aos colonizados moçambicanos que viveram sob o domínio do português e que se tornam os representantes dessa literatura de combate, já que as obras representam a situação de opressão a que são submetidos. Já o terceiro elemento reporta-se ao mecanismo transmissor, a língua portuguesa imposta pelo colonizador em Moçambique, que pertence, de certa forma a cada assimilado é “um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos) que liga uns a outros” (CANDIDO, 2000, p. 25).

Diante disso, percebemos que a literatura em Moçambique caminha na trilha da literatura brasileira sob o tripé autor, obra e público e consagra-se como um sistema literário que deixa sua base para florescer outras formas literárias, as quais terão continuidade na futura nação.

### **3. Noémia de Souza e a poesia engajada**

Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares, mais conhecida por Noémia de Souza, nasceu em Catembe, Moçambique, em setembro de 1926. Em 1951 vai para Portugal onde reside até 1964. Nesse mesmo ano viaja para Paris e regressa em 1975 para Lisboa, onde vive até o ano de sua morte, em 2002. Filha de pai intelectual, descendente de portugueses, Noémia, como mestiça, sabia falar francês, inglês, português e ronga, sua língua materna.

Aos 19 anos fez sua primeira publicação em um jornal de uma escola técnica, nomeado Mocidade Portuguesa, em que um grupo formado por Rui Knopfli, Rui Guerra, Rui



Guedes, Virgílio Filho tentavam subverter o jornal mandando suas colaborações a ele. A convite, Noémia envia seu primeiro poema nomeado “O Irmão Negro” para esse jornal com as iniciais N. S. e durante muito tempo julgavam que fosse o irmão dela, que também participava desse grupo, quem tinha escrito o poema.

A poeta ganha o reconhecimento dos escritores majoritariamente homens e, entre os anos de 1948 e 1951, passa a ser convidada para publicar em revistas e jornais. Segundo Leite (1998):

Sem livro publicado a autora tem colaboração dispersa em várias revistas e jornais como *O Brado Africano*, *Itinerário*, *Msafo*, *Moçambique 58*, *Mensagem (CEI)*, *Vértice* e outras publicações nacionais e estrangeiras. Está incluída em várias antologias (*Poesia de Moçambique*, Lisboa, 1951; *Poesia negra de expressão portuguesa*, Lisboa, 1953; *Poetas de Moçambique*, Lisboa, 1960; *Poetas de Moçambique*, Lisboa 1962, *Antologia Temática da Poesia Africana*, 1976,), além de figurar em antologias publicadas no estrangeiro, nomeadamente em Paris, Argel, S. Paulo, Londres, Estocolmo. (p. 98)

Originalmente a obra é publicada somente em 2001, pela Associação dos Escritores Moçambicanos. No Brasil, os poemas de Noémia de Souza só tinham sido publicados em poucas antologias. Mas, em 2016 a Kapulana Editora reúne e publica a edição de *Sangue Negro*, com um conjunto de 46 poemas, sendo 3 utilizados neste trabalho para análise.

O livro divide-se em seis seções “Nossa Voz”, “Biografia”, “Munhuana 1951”, “Livro de João”, “Sangue Negro” e “Dispersos”. A primeira sessão é organizada por poemas longos que através de anáforas e gradações exibem a voz do eu lírico que grito contra o desrespeito, as mazelas e injustiças dos colonos para com os negros africanos. A segunda sessão, “Biografia”, trata da necessidade de ser lembrada a memória de Noémia, de sua infância e sua vida. Além disso, também é abordada a cobrança da memória dos povos negros moçambicanos, africanos, de suas crenças, hábitos, culturas e histórias que precisavam ser preservadas. Igualmente, as memórias da escravidão, que precisam estar ativas para sempre serem lembradas, posto que não se pode esquecer dos motivos da luta anticolonial.

A terceira seção intitulada “Munhuana 1951”, aborda os espaços marginalizados onde habitam os seres marginalizados como as mulheres prostitutas pobres, negras oprimidas pelo regime patriarcal. Nesses espaços estão os bairros Munhuana, Mafalala, Xipamanine e seus moradores, os zampunganas, negros que recolham em baldes, à noite, as fezes dos patrões colonizadores. Já na seção “Livro de João” os poemas são destinados a João Mendes, com quem compartilhou as lutas pelos africanos. Seguindo na quinta seção, “Sangue Negro” agrupa poesias destinadas a abordar a opressão sofrida pelos negros e a negação as formas de autoritarismo dos colonos. Aqui o sangue negro é celebrado, e também apresentado artistas

que lutaram contra o preconceito racial, como Billie Holiday, Jorge Amado e Rui de Noronha. Na última sessão, “Dispersos”, há o culto para o conhecimento profundo da África com sua ancestralidade e o reconhecimento que é necessário ter por aqueles que lutaram pela libertação do continente.

Através dessas poesias e de sua militância como mulher escritora, Noémia foi considerada a “primeira voz feminina a lutar pela dignificação das mulheres negras moçambicanas” (SANTOS, 2010, p. 259). Apenas com quatro anos de publicação, a poeta estava ligada a nova literatura vinculada ao jornalismo que surgia em Moçambique, literatura essa que propunha o rompimento com o colonialismo português, que instalou sua cultura e apagou a já existente no local, fazendo dos habitantes um povo marcado pela aculturação. A esse respeito Leite (1998) entende que:

Esta voz feminina pioneira e insólita, muito jovem, e porventura circunstancial (apenas quatro anos de publicação), antecede no entanto a maioria dos poetas moçambicanos na abordagem de temas ligados à exaltação dos valores africanos, espírito de fraternidade e consciência coletiva, e denúncia colonial. (p. 99)

Como mulher escritora não foi fácil convencer que também poderia escrever para periódicos de um jornal:

Quando eu comecei a publicar n’*O Brado Africano* um indivíduo que era Augusto dos Santos Abranches, uma vez vai e escreve um artigo no *Notícias*, sobre “Poesias não venhas”. E ele dizia, “mas que é esta coisa? Tenho a certeza que é um plágio, será de facto um original? Mas quem é esta pessoa?” Estava assinado N. S. e ele pensou que era um homem (CHABAL, 1994, p.116).

Entre os anos de 1948 e 1951, período em que escreveu seus poemas, participou também de movimentos negros americanos, que influenciaram a sua produção literária de combate. De modo geral, os autores moçambicanos que escreveram para dar voz a seu povo antes e após o período colonial, tinham a certeza de um fato:

Na altura da independência, os autores africanos tinham clareza da necessidade de construir um espaço simbólico, com o máximo de autonomia possível, que pudesse – ao modo dos modernistas brasileiros da década de 20 – atualizar “a inteligência africana” e buscar a matéria das culturas africanas para formar uma “literatura nacional”, com direito de se inscrever na modernidade (MACÊDO & MÂQUEA, 2007, p.17).

Ainda, o objetivo também era “criar uma nação, como já se tinha sonhado nas lutas de libertação nacional e em nome da qual muitas coisas já tinham feitas” (MACEDO & MAQUÊA, 2007, p. 21). A necessidade de constituir uma nação se faz com o fim do colonialismo que gerou um grande debate sobre as literaturas nacionais que surgiam e as que

já existiam. Em 1950 observar-se um movimento de tentativa de criação de um espaço literário próprio de Moçambique:

Os primeiros textos da literatura moçambicana, como *Godido e outros contos* de João Dias. *Nós matamos o cão tinoso*, de Luis Bernardo Honwana, *Portagem*, de Orlando Mendes, a poesia de José Craveirinha, Noémia de Souza, Rui knopfli, entre outros, traziam entre a língua do colonizador e a necessidade de *moçambicanidade*, uma fissura que seria ao fim um *terceiro espaço* da cultura, lugar de contestação e construção de utopias (MACÊDO & MÂQUEA, 2007, p.18).

A ideia da moçambicanidade tratava-se, sobretudo, de defender uma escrita especificamente de Moçambique, assim como o estabelecimento de uma nação através de um debate mais evidente na pós-independência. No entanto, temos nas poesias de Noémia um engajamento precedente a esse conceito, que apresenta através da literatura o combate para o reestabelecimento da nação. Noémia afirma sua moçambicanidade no contexto habitualmente dominado pelo homem branco, dito civilizado. Nesse sentido, Fátima Mendonça (1989, p. 52), numa perspectiva mais voltada à política, considera que o elemento “determinante para uma efetiva aproximação ao conceito de moçambicanidade em Literatura é o Movimento da Libertação Nacional”, movimento que parte da necessidade de construir uma nação.

De forma ampla, a literatura moçambicana nasce da necessidade de militância na luta anticolonial presente em periódicos que tornaram acessível à população e aos escritores o fazer literatura e o receber literatura. A poesia engajada, no processo de independência em Moçambique, exercida por Noémia de Souza, traz versos numa linguagem combatente pertencentes a alguns grupos, como a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), que surgiu da junção de outros movimentos nacionalistas, como A Liga Africana, fundada em Lisboa no ano de 1920, Instituto Negrófilo, Associação dos Naturais de Moçambique, União Democrática Nacional de Moçambique, União Nacional Africana de Moçambique e outros movimentos nacionalistas que se uniram em 1962 e deram início a um forte movimento anticolonial. A FRELIMO tinha não só o objetivo de regatar a independência de Moçambique do domínio colonial, mas também de defender as reivindicações dos moçambicanos. Os escritores pertencentes a esse movimento, como Noémia de Souza, José Craveirinhas e outros, produziam reivindicações culturais, sociais e de combate em suas obras como uma forma de militância.

É perceptível nas poesias de Noémia de Souza um conteúdo intimamente ligado com a sociedade, estabelecendo uma relação de interdependência, já que a poesia engajada desse período foi escrita diante dos males dos colonizadores, necessários de serem combatidos. A literatura moçambicana ligada à sua sociedade traz consigo representação desse espaço que

clama pela regeneração da sua identidade, da sua cultura e de seus costumes, trata-se do tecido social sendo representado pela poesia engajada. Esses fatores socioculturais que influenciaram essa escrita dos poetas mostra-nos que literatura e sociedade estavam entrelaçadas.

A respeito dessa relação entre literatura e sociedade Antonio Candido (2006, p. 25) aponta quatro momentos de uma produção literária que se cria através dessa íntima relação. O primeiro seria o momento em que o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-se segundo os padrões da sua época. O segundo momento ocorre quando ele escolhe certos temas (escolher tema é escolher seu público). O terceiro, quando usa certas formas. Já o quarto é último, é quando a síntese resultante age sobre o meio.

Seguindo essa ordem, entendemos que temos em Noémia de Souza uma posição social de resistência sobre a colonização portuguesa. Ela age diante do impulso da necessidade de expor as reivindicações de seu país. O tema de sua obra é marcado pela exaltação dos valores africanos, da fraternidade, da prostituição e do feminino. Ainda, a escritora se utiliza da forma poema para transmitir seu conteúdo politizado e militante. Por último, seguindo os momentos de uma produção literária descritos por Candido (2006), ocorre quando Noémia de Souza faz a sociedade moçambicana refletir diante da sua poesia, sobre o que tinha ocorrido na colônia. Sua obra resulta em influenciar, apresentar e relatar a angústia de um povo, enxergando uma necessidade coletiva, e dando poder de fala a ela.

Assim temos uma literatura construída no contexto social-histórico, mostrando que essa arte existe pelas estratégias estéticas da autora e pela esfera social. Para a compreensão da literatura moçambicana deve-se ter um olhar entre o texto e o contexto. Trata-se de uma literatura com uma formação um tanto nova, se for comparada a outras, que evoluiu marcada pelo colonialismo, guerras, conflitos culturais, políticos e ideológicos. Nesse meio de instabilidade, a literatura surge como forma de contestação e autoafirmação, que reverbera até os dias de hoje.

Essa contestação se reflete nas poesias engajadas de Noémia de Souza, visto que fez denúncias e resistência à violência colonial. Reivindicou uma série de políticas e direitos civis. Tomou partido diante dos dilemas de seu povo, empenhou todo seu engajamento e responsabilidades perante a sociedade moçambicana, extraindo da literatura a sua função social.

Através das poesias de Noémia podemos ver esse engajamento com referência a voz que clama por liberdade e demonstra através dos verbos empregados para expressar a criação do poema: gemer, chorar, embalar, murmurar, perguntar, soar, falar, cantar, gritar, clamar

(LEITE, 2014, p.104).

Assim, a poesia da autora parece ser a voz enunciativa de um sujeito feminino comprometido com a luta contra o colonialismo lusitano no continente africano. É a voz da resistência em canto poético como recurso para a liberdade. Com palavras de revolta e consciência coletiva para falar e ser ouvida por todos aqueles que clamam por um devir.

#### **4. Poesia e resistência no canto de Noémia de Souza**

Participando dessa nova forma de produção literária, considerada uma das primeiras mulheres a escrever literatura em Moçambique e apreciada de “mãe dos poetas moçambicanos”, Noémia de Souza atuou como uma militante na conquista da independência nacional, sobretudo com as suas produções literárias. Além disso, deu voz às mulheres moçambicanas colonizadas durante o período de escravidão, período em que havia sofrimento advindo da opressão do colonizador e as vozes das mulheres eram cada vez mais silenciadas. Noémia trata essas questões com bastante força, por isso suas poesias podem ser vistas como uma ferramenta para a valorização e afirmação da identidade da mulher e do povo moçambicano.

Noémia mostra o preconceito que as mulheres sofriam, exibindo a voz do colonizador e dando voz, força e garra às mulheres da sua terra. A figura feminina também está vinculada a Mãe África, utilizada então como uma alegoria. Essa poética com evocação a Mãe África surge na tentativa de resgatar as raízes africanas. No poema “Quero conhecer-te África”, o eu lírico feminino dirige-se a África como mãe e pede perdão pelo afastamento ocasionado pela assimilação cultural dos africanos com sua terra.

Sangue Negro

Ó minha África misteriosa, natural!

Minha virgem violentada!

Minha mãe!...

Como eu andava há tanto desterrada,

De ti alheada

Distante e egocêntrica

Por estas ruas da cidade!

Engravidadas de estrangeiros.

(SOUSA, 2016, p. 129).

Trata-se de uma poética marcadamente revestida de um traço emocional que permite

um efeito mais humanizado e de relação aproximada com a história de África e de Moçambique, em particular. Entendemos também que a Mãe África é a mulher africana marginalizada, é a mulher que concebe essa nação. Além dessa poesia em outras 10, de seus 46 poemas, Noémia busca nomear essa mulher como “Mãe” e, mesmo não mencionando diretamente esta palavra, a fala dos irmãos e irmãs negras presentes na sua poética só ocorre devido à existência de uma mãe, simbolicamente representado pelo continente africano. Assim, predominantemente essa mulher representa a grande mãe África.

Dentre os poemas selecionados para uma análise mais cuidadosa, apresentamos “Poema”, na secção “Biografia”. Nele, presenciamos a metáfora do grito, constante na maioria dos versos da autora. Também o grau de conscientização em relação à liberdade é muito alto, não há mais medo, não há mais lágrimas para chorar. É hora de ir para o enfrentamento.

#### Poema

Bates-me e ameaças-me  
Agora que levantei minha cabeça esclarecida  
E gritei: “Basta!”

Armas-me grades e queres crucificar-me  
Agora que rasguei a venda cor de rosa  
e gritei: “Basta!”

Condenas-me à escuridão eterna  
Agora que minha alma de África se iluminou  
E descobriu o ludíbrico  
E gritei, mil vezes gritei: “Basta!”.

Ò carrasco de olhos tortos,  
De dentes afiados de antropófago  
E brutas mãos de orango:  
Vem com o teu cassetete e tuas ameaças,  
Fecha-me em tuas grades e crucifixa-me,  
Traz teus instrumentos de tortura  
E amputa-me os membros, um a um...  
Esvazia-me os olhos e condena-me à escuridão eterna... –  
que eu, mais do que nunca,  
Dos limos da alma,  
Me erguerei lúcida, bramindo contra tudo:  
Basta! Basta! Basta!  
(SOUSA, 2016, p.122)

No poema em análise, o eu poético solta a sua voz para dizer que é hora de dar um basta à toda submissão imposta pelo sistema colonial. É preciso purificar a alma, olhar para dentro de si e buscar o que foi escurecido pelo dor, pela angústia, pela melancolia. Assim, como podemos observar, o canto de Noémia de Sousa é simples, porém pontual em relação aos

seus objetivos políticos. Seus versos são estratégias para que os seus leitores percebam as especificidades do povo colonizado.

O poema segue uma sequência de ações. O eu que habita, logo no início das estrofes, denuncia os abusos coloniais representados por verbos que exprimem o seu pedido em relação a ação do colonizador: “Bates-me e ameaças-me/ Armas-me grades e queres crucificar-me/Condenas-me à escuridão eterna”. Após, o sujeito lírico apresenta a sua consciência diante da desumanidade dos portugueses: “Agora que levantei minha cabeça esclarecida”. Sugere a busca à libertação física e ideológica.

Na segunda estrofe o verso “Agora que rasquei a venda cor de rosa”, representa a retirada do véu colonialista que impedia a tomada de consciência. Consideramos que o véu mantinha as mulheres moçambicanas cegas diante das mazelas da ideologia do colono. O véu cor de rosa, marca da feminilidade, agora está fora do rosto, agora ela tem a chance de enxergar seus direitos, não só como humano, mas como mulher.

Na terceira estrofe a representação da consciência da identidade africana também é florescida no verso “Agora que minha alma de África se iluminou”. Aqui, a identidade africana é reavivada para combater o colono. E no final de cada estrofe ecoa o grito de combate ao colono: “E gritei, mil vezes gritei: “Basta!”, afirmando sua posição diante das atrocidades do sistema.

Assim, o eu lírico feminino representa a voz da mulher subalternizada, marginalizada, silenciada pelo colonialismo, que ganha voz para denunciar todo o seu sofrimento, como mulher negra. O eu lírico, mesmo sabendo do poder do colonizador, enfrenta-o pedindo o um fim que merece aqueles que derramaram sangue negro e aqueles que ainda derramarão.

De forma geral, Noémia de Souza dá voz às mulheres e a todos os indivíduos escravizados fisicamente e culturalmente. Estes, apesar de todo o sofrimento oriundo da colonização, ganham voz e demonstram resistência durante os anos de repressão. Encontra-se um eu lírico feminino que denuncia os abusos sofridos pelos africanos. Temos como identidade da mulher africana a resistência diante da opressão. Ter lugar de voz e propagar esse grito através da escrita feminina diante do ambiente em que a mulher foi colonizada pelo gênero e pela raça é ter o poder denunciar a situação da mulher moçambicana. Nesse sentido, o clamor pelo término das injustiças, presente em todo o poema, dá lugar a ação e o eu lírico levanta para continuar lutando pelo seu povo: “me erguerei lúcida bramindo contra tudo: “Basta! Basta! Basta!”.

Na segunda sessão segue a descrição dos colonizadores aos olhos do eu lírico: “Ó

carrasco de olhos tortos”/ “De dentes afiados de antropófago”/ “E brutas mãos de orango”. A denúncia e o abuso da violência são mencionados como nas primeiras estrofes: “Vem com o teu cassetete e tuas ameaças/ “Fecha-me em tuas grades e crucifixa-me”/ “traz teus instrumentos de tortura”/ “e amputa-me os membros, um a um” / “Esvazia-me os olhos e condena-me”/ “a escuridão eterna...”. Além das agressões físicas, há também a contestação da exploração cultural, religiosa, que amputou os membros da identidade social e cultural do povo africano.

Compreendemos então que a condição da mulher nesse poema é de luta e resistência. Representa a voz da mulher que descobre a renovação para a experiência do saber. Aqui a mulher ganha o papel do ser que busca o conhecimento para a liberdade física e intelectual. Sobre resistência Bosi (2002, p. 134) define que “a resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextrincável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico”. Sendo assim, o eu lírico feminino representa as mulheres moçambicanas que, possuindo ligação com seu contexto existencial e histórico de opressão do colonizador, lança mão de uma conduta de resistência perante o opressor.

Em “Moças das docas” Noémia de Souza aborda o tema da prostituição e os abusos sofridos pelas mulheres nos anos de colonização. O poema está presente na terceira sessão intitulada “Munhuana 1951”. Há uma abordagem focada nos espaços marginalizados, Munhuanas e Ximpamanines, onde habitam as mulheres prostitutas, pobres, negras, oprimidas pelo regime colonial-patriarcal de Moçambique.

#### Moças das docas

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço.  
Fugitivas das Munhuanas e dos Ximpamanines,  
Viemos do outro lado da cidade  
com nossos olhos espantados,  
nossas almas trancadas,  
nossos corpos submissos escancarados.  
De mãos ávidas e vazias,  
de ancas bambaleantes lâmpadas vermelhas se acendendo,  
de corações amarrados de repulsa,  
descemos atraídas pelas luzes da cidade,  
acenando convites aliciantes  
como sinais luminosos na noite.

#### Viemos...

Fugitivas dos telhados de zinco pigando cacimba,  
do sem sabor do caril de amendoim quoditiano,  
do doer de espetáculo todo o dia vergadas  
sobre sedas que outras exibirão,  
dos vestidos desbotados de chita,



da certeza terrível do dia de amanhã  
retrato fiel do que passou,  
sem uma pincelada verde forte  
falando de esperança,

Vimos...

E para além de tudo,  
por sobre Índico de desespero e revoltas,  
fatalismos e repulsas,  
trouxemos esperança.  
Esperança de que a xituculumucumba já não virá  
em noites infindáveis de pesadelo,  
sugar com seus lábios de velha  
nossos estômagos esfarrapados de fome,  
E viemos.  
Oh sim, viemos!  
Sob o chicote da esperança,  
nossos corpos capulanas quentes  
embrulharam com carinho marítimos nômadas de outros portos,  
saciaram generosamente fomes e sedes violentas...  
Nossos corpos pão e água para toda a gente.

Vimos...

Ai mas nossa esperança  
venda sobre nossos olhos ignorantes,  
partiu desfeita no olhar enfeitiçado de mar  
dos homens loiros e tatuados de portos distantes,  
partiu no desprezo e no asco salivado  
das mulheres de aro de oiro no dedo,  
partiu na crueldade fria e tilintante das moedas de cobre  
substituindo as de prata,  
partiu na indiferença sombria de caderneta...

E agora, sem desespero nem esperança,  
Seremos em breve fugitivas das ruas marinheiras da cidade...

E regressaremos,

Sombrias, corpos floridos de feridas incuráveis,  
rangendo dentes apodrecidos de tabaco e álcool,  
voltaremos aos telhados de zinco pingando cacimba,  
ao sem sabor do caril de amendoim  
e ao doer do corpo todo, mais cruel, mais insuportável...

Mas não é piedade que pedimos, vida!

Não queremos piedade  
daqueles que nos roubaram e nos mataram  
valendo-se de nossas almas ignorantes e de nossos corpos macios!  
Piedade não trará de volta nossas ilusões de felicidade e segurança,  
não nos dará os filhos e o luar que ambicionávamos.  
Piedade não é para nós.

Agora, vida, só queremos que nos dês esperança  
para aguardar o dia luminoso que se avizinha  
quando mãos molhadas de ternura vierem  
erguer nossos corpos doridos submersos no pântano,  
quando nossas cabeças se puderem levantar novamente

com dignidade  
e formos novamente mulheres!  
(SOUSA, 2016, p.79-82)

No seu aspecto formal o poema contém oito estrofes com variação no número de versos. Há um eu lírico coletivo, em terceira pessoa. Os substantivos e adjetivos demonstram o sofrimento presente nos corpos e na alma das mulheres: “Sombrias, corpos floridos de feridas incuráveis”/ “sem uma pincelada verde forte”/ “falando de esperança”. Podemos entender que a prostituição aqui é uma metáfora do remédio amargo, “sob o chicote da esperança”, é um eufemismo da dor do corpo.

Os verbos possuem uma gradação forte que contribuem para expressar a dor das mulheres das docas. Os verbos “viemos” e “partiu” representam em gradação a dor sofrida pelos corpos que devem oferecer desejo e troca de moeda. A dependência do sexo masculino para o sustento está presente nos versos “ E Agora, sem desespero nem esperança”/ “seremos em breve fugitivas das ruas marinheiras da cidade”. Representa também a partida dos marinheiros, fato que deixaram essas mulheres sem serviço. Contudo, a voz do eu lírico solidariza-se com o sofrimento das mulheres que foram violadas por “nômadadas doutros portos”.

A negação do sujeito coletivo é a negação do direito de sofrer, da brutalidade nos seus corpos: “Mas não é a piedade que pedimos, vida!”/ “Não queremos piedade”/ “daqueles que nos roubaram e nos mataram”. Assim, no verso “Agora, vida, só queremos que nos de esperança” o vocativo “vida” não consegue responder às ansiedades do eu lírico feminino coletivo. A dignidade precisará voltar para serem mulheres novamente, posto que compreendemos que não mais eram mulheres porque as transformaram em objetos comuns, com uma imagem deturpada da mulher negra sendo vista apenas como mulher de alta libido, mulher erótica, de seios fartos e corpos voluptuosos. Contudo, o poema denuncia de Noémia Souza demonstra que a mulher moçambicana não é objeto. Dela nascerá o sentimento de pertença, de envolvimento e de posse daquele espaço construído sob o jugo da força, do preconceito e da discriminação.

O poema “Mulher que ria à Vida e à Morte”, inserido na sessão “Diversos”, apresenta o culto ao conhecimento profundo da África, culto a sua ancestralidade, além do reconhecimento necessário àqueles que lutaram pela libertação do continente. No poema, a primeira pessoa está marcada pelos versos: “tomarei o meu lugar entre os antepassados”/ “À terra deixarei o despojo de meu corpo inútil”/ Enquanto não falo com a voz do *nyanga*”. O poema apresenta cinco estrofes com poucos versos. A primeira e segunda estrofes contém

dois versos e as três últimas estrofes todas com três versos cada.

Noêmia de Souza, utilizando a arte enquanto reflexão dos problemas da realidade, cria uma poética engajada, com o intuito de levar o público à tomada de consciência, a enxergar-se enquanto cidadão e sujeito, capaz de mudar o meio em que vive e superar suas fraquezas. Nesse sentido, mais uma vez a figura da mulher e o seu drama cotidiano são destaques. A mulher sorri tanto diante da vida quanto da morte, pois já não faz questão de se esconder como mulher africana diante das mazelas impostas pelo colonizador. Ela já enxerga o que ocorre com seu povo e seu gênero e enfrenta-os, sabendo da possibilidade da morte que não lhe afeta.

#### Mulher que ria à Vida e à Morte

Para lá daquela curva  
os espíritos ancestrais me esperam.

Breve, muito breve  
tomarei o meu lugar entre os antepassados

Á terra deixarei os despojos do meu corpo inútil  
as unhas córneas de todos os labores  
este invólucro sulcado pela aranha dos dias

Enquanto não falo com a voz do *nyanga*  
cada aurora é uma vitória  
saúdo-a com o riso irreverente do meu secreto triunfo

Oyo, oyo, vida!  
Para lá daquela curva  
Os espíritos ancestrais me esperam.  
(SOUSA, 2016, p.138)

A morte não assusta eu lírico feminino, pois nela haverá o encontro com seus antepassados, que possuíam as raízes africanas antes da colonização portuguesa: “tomarei o meu lugar entre os antepassados”. Esses antepassados tomam lugar de protetores de uma nação que perdeu sua cultura legítima.

Na continuidade da análise encontramos nos versos “Á terra deixarei os despojos do meu corpo inútil”/ “as unhas córneas de todos os labores”/ “este invólucro sulcado pela aranha dos dias” a inutilidade do corpo, de um corpo feminino que, no plano da terra, sofreu diante de agressões de gênero e raça; e de um corpo inútil que que voltará para a terra, seguindo a ideia de que a terra tudo absorve, quem do barro é feito para o barro volta.

O tema da ancestralidade ainda é observado quando o eu poética menciona *nyanga*, um curandeiro que possui o dom comunicar com os ancestrais e outras divindades. Na quinta

estrofe aparece o termo Oyo, que é o reino do deus africano da criação: Oranyan. O despertar sobre a relevância da ancestralidade, da cultura africana de modo geral dão o tom ao poema. As reflexões do eu-poético demonstram o nascer do sentimento de pertença, de envolvimento e de posse do espaço africano, moçambicano. Assim, ao elencar uma série de ações desenvolvidas pelo colonizado, evoca-se a força necessária para o crescimento de Moçambique. A junção dessas confluências vai funcionar como elo de ligação entre a autovalorização e os sentimentos de direito à terra, culminando com a vontade de se libertar.

Noémia de Souza apresenta os fatos de uma realidade circundante, expõe as ideias para poder debatê-las. A poeta, seguindo a ideia desenvolvida por Sartre, demonstra que o escritor precisava engajar-se e intervir na sociedade em que vive. A poética da autora é um bom exemplo de que a literatura é, nesta perspectiva, um dos meios mais eficazes de mudança social, contrário ao ideal de uma arte com o fim em si mesma. Segundo Sartre (2004)

Em suma, a literatura é, por essência, a subjetividade de uma sociedade em revolução permanente. Numa tal sociedade ela superaria a antinomia entre a palavra e a ação. Decerto, em caso algum ela seria assimilável a um ato: é falso que o autor aja sobre os leitores, ele apenas faz um apelo à liberdade deles, e para que suas obras surtam qualquer efeito, é preciso que o público as assumam por meio de uma decisão incondicionada. Mas numa coletividade que se retoma sem cessar, que se julga e se metamorfoseia, a obra escrita pode ser condição essencial da ação, ou seja, o momento da consciência reflexiva. (p. 120).

A poesia de Noémia de Souza, formada pelo engajamento que moldou a literatura em Moçambique, enfoca a necessidade de voltar às origens e trazer elementos que identifiquem o ser africano. A conjuntura social existente entre colonizados e colonizadores torna pública as ideologias e posições contraditórias, determinando com isso o espaço poético como possível espaço de resistência, de enfrentamento e autonomia.

### **Considerações finais**

Conhecer a poesia de Noémia de Souza é conhecer aspectos que marcaram o povo africano em geral e moçambicano, em particular. Também é perceber como se constrói a ideia de identidade através da literatura. É deparar com uma poética que, ao denunciar ao sofrimento de um povo, possibilita a humanidade, essencial para que a vida em sociedade apareça em nós.

O nosso estudo demonstrou que a representação do povo moçambicano, em especial da mulher, foi criada por uma imposição do sistema autoritário português, estando assim a figura feminina relacionada ao erótico, sexual, pecaminoso e baixo. Comprovamos, através

dos poemas selecionados, que as mulheres eram vistas como objetos e com uma imagem de alta libido. Além disso, verificamos que nos poemas está revelada a resistência da mulher africana que, apesar de oprimida e marginalizada, lutou e ainda luta pelo seu gênero, raça e pela sua nação.

Encontra-se nas poesias de Noémia uma mulher sob a condição de resistência e luta pela liberdade física e intelectual. Uma mulher que enfrenta as atrocidades do sistema português e que supera a exploração, na esperança de um mundo que respeita as diferenças de raça, classe e gênero. E mais além, a mulher é vista como mãe África, sob a condição de um ser que acolhe e enfrenta com resistência e engajamento. De modo geral, a afirmação da identidade africana também é valorizada nos poemas de Noémia de Souza. A proposta é a identidade da mulher, de sua terra, seu espaço, usando de representações culturais para apoio à sustentação e afirmação dessa identidade. Ela resiste ao colonizador e aos parâmetros de Portugal que visava sua elevação própria e conseqüentemente a dizimação do povo africano.

Concluimos as nossas considerações ratificando a força da palavra poética de Noémia de Souza, palavra essa que traduz o comprometimento com a situação histórica, política e econômica do seu país. Nesse prisma, sendo a literatura lugar ideal para a tomada de consciência e posterior negação à submissão ao poder do colonizador, a poética dessa escritora revela a participação ativa do intelectual africano no contexto de luta anticolonialista. Por tudo isso o nosso desejo é que outros leitores/pesquisadores se aventurem por essa jornada. Que novos estudos possam brotar em terras amazônicas.

## Referências

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHABAL, Patrick. *Vozes Moçambicanas – Literatura e Nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6ª Edição. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda, 2000.

———. *Literatura e Sociedade*. 9ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Ouro sobre Azul, 2006.

CABACO, José Luis de Oliveira. *Moçambique: Identidades, Colonialismo e Libertação*. São Paulo, 2007. Tese. (Pós Graduação em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

HEDGES, David (Org.) *História de Moçambique: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961*. Vol.2. 2 ed. Maputo: Livraria Universitária, 1999.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

MACEDO, Tania; MÂQUEA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Moçambique*. São Paulo; Arte & Ciência, 2007.

MARTINS, Helder. *Casa dos Estudantes do Império: Subsídios para a História do seu período mais decisivo (1953 a 1961)*. Luanda, Texto Editores Angola, 2018.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). *África e Brasil: letras e laços* vol. 2. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.

SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Kapulana, 2016.

SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura?* 3ª Edição. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Abril Cultura, 2004.